

Arte no Metropolitano

Filipa Roque*

Arte no Metropolitano: anúncio de entendimento de obra pública

“Perante um quotidiano urbano cada vez menos humanizado, o metropolitano emergiu como um imprescindível meio de transporte e também como um espaço de cultura e lazer.

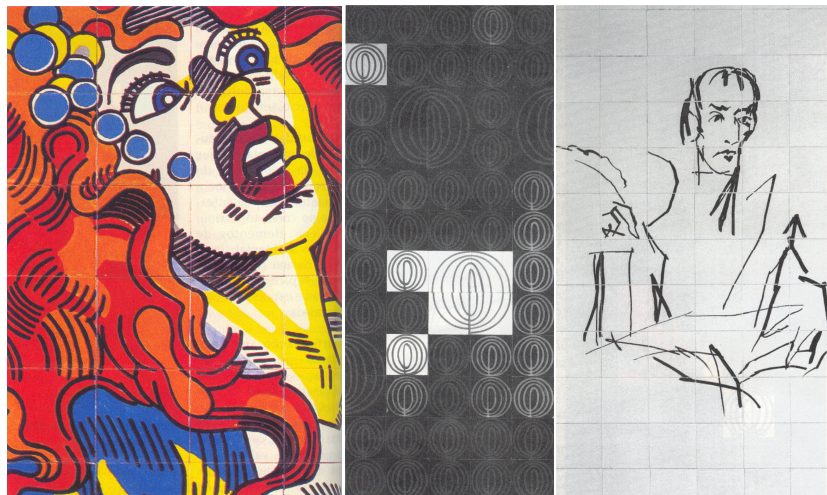
Face à intensificação do urbanismo do mundo os esquemas urbanos dos transportes públicos inserem-se nos maiores projectos de construção de qualquer cidade ou vila e são principalmente estes que podem facultar a mobilidade e o acesso às cidades e às actividades urbanas. Assim, se a arte pretender um público mais vasto, o metropolitano proporciona uma oportunidade excelente. A sua concepção como um novo “veículo” para o conhecimento e a difusão da arte à colectividade, encarando-a como uma oportunidade para dar qualidade ao transporte e dimensão cultural ao quotidiano revela a estação do metropolitano como um foco ideal para a exposição de arte pública. Desprovido de todos os estímulos sensoriais que caracterizam a vida na superfície urbana, o espaço subterrâneo exige preocupações estéticas bastante mais “vibrantes” do que as que se manifestam nos restantes espaços públicos. As suas limitações formais, a sua natureza subterrânea, o número de passageiros que circulam bem como a multiplicidade de paragens numa linha única permitem aos projectos de arte pública um permanente diálogo com a multidão em movimento.

Em Portugal, inicia-se em 1959 um primeiro ciclo de construção do Metropolitano de Lisboa acompanhado por um entendimento específico da valorização plástica dos espaços públicos do nosso país. A decisão de animação dos espaços subterrâneos de acesso aos comboios, dadas as condicionantes específicas da vida portuguesa, obriga a práticas de austeridade e restrição ornamental adoptando para a arquitectura das novas estações do metropolitano um modelo-tipo, caracterizado pela pequena escala, simplicidade e funcionalidade.

A escolha sobre o azulejo como elemento decorativo. Não só por ser um material de longa tradição em Portugal e permitir assim uma renovação actualizada no seu uso, como também o seu baixo preço, manutenção fácil e durabilidade, resultando no revestimento eficaz de vastas superfícies morais em espaços públicos de forte visibilidade. Neste período a concepção plástica é entregue a Maria Keil, que perante a racionalidade funcionalista posta na escolha do azulejo e apesar da austeridade das suas propostas, recorrendo a padronagens abstractas e seriadas, adopta uma linguagem resolutamente contemporânea, revelando-se um entendimento inteligente das qualidades e possibilidades decorativas do azulejo, renovando as suas potencialidades artísticas.

Nos finais dos anos 70 verifica-se um aumento progressivo do número de utentes do Metropolitano e a consequente necessidade de progressão das linhas para as saídas de Lisboa. Agora, é proposto um desafio a alguns dos mais qualificados artistas, a quem se possibilitam os meios técnicos para articular as suas linguagens próprias, novamente sobre o azulejo, mas em mais amplos espaços públicos: surgem novos entendimentos do azulejo a par de outras condições do seu uso e realização.

Em finais da década de 80 foi determinada a ampliação das estações existentes e o alargamento da rede, retomando delineamentos já traçados na década de 50, adoptando-os agora a novas realidades, e propondo outros em novas direcções. Para estas realizações o metropolitano vai reunir diferentes autores: arquitectos com variados entendimentos funcionais destes espaços, sempre associados a artistas plásticos que agora trabalham outras disciplinas que não o azulejo assim proporcionando uma diversidade profusa de linguagens visuais.



Para a arte pública é particularmente importante a compreensão da necessidade de uma colaboração estreita entre o artista e o arquitecto desde a fase conceptual do projecto pois ela permite a potencialização das soluções encontradas. Os princípios da arte visual entrelaçam-se inextricavelmente

com os princípios da arquitectura e o artista e a sua obra tem de ser encarados como vitais ao funcionamento e conceito do edifício, e não somente como elemento decorativo.

As numerosas encomendas feitas a artistas plásticos pelo Metropolitano traduzem uma notável contribuição das práticas culturais entre nós... E, sem dúvida alguma a sensibilização da população para a arte contemporânea encontra na encomenda pública um meio eficaz de produção e divulgação, bem como a criação de um ambiente de arte pública de sucesso permite uma divulgação mais eficaz da arte, de forma a que virtualmente se torne parte do quotidiano.

A arte pública destina-se ao consumo público e deverá por isso ir ao encontro das suas necessidades. No entanto, é necessário admitir existir um abismo que separa o artista do público em geral. Como a prática da arte evolui mais rapidamente que a educação artística do público em geral, da experiência artística e as intenções do artista têm tendência a aumentar: “o valor da arte para o leigo reside na qualidade da sua própria experiência ao ser testemunha da arte”.

No caso do Metropolitano foram oferecidos aos artistas os cais e seus acessos como espaço de diálogo, requerendo a maximização da exploração das facetas lúdicas e informativas do acto de viajar, viabilizando os seus projectos com uma conotação social muito positiva ao criar uma atmosfera de bem estar e abertura em relação aos utentes e simultaneamente ser usada como forma de educação ao levantar questões, chamar a atenção para factos ou simplesmente fornecer informação, criando no transeunte situações de impacto afectivo, de surpresa, de humor e de ruptura, despertando a sua imaginação.

No entanto, na concepção e avaliação de qualquer projecto de arte pública torna-se fundamental questionar sistematicamente a forma como estes devem servir os interesses públicos e simultaneamente manter a sua qualidade. É essencial que se efective o conhecimento local pelos artistas, através da compreensão do lugar onde os seus trabalhos irão ser expostos, nutrindo o processo conceptual e estreitando a interacção entre o artista e a comunidade onde se vai inserir.

Sem pretender discutir aqui a coerência das escolhas dos artistas chamados a intervir, salienta-se a sistematização mantida pelo Metropolitano de Lisboa num projecto único de arte pública nacional, em que a concepção da arte como espectáculo urbano assume uma importância extrema pela sua capacidade de transformar espaços neutros, codificados e automatizados em situações de estímulo e despertando a sua percepção.

*Filomena Roque, Historiadora de Arte.

Ilustrações: gentilmente cedidas pelo Metropolitano de Lisboa.